



Comércio Brasil-África: uma perspectiva da exportação de commodities

Brazil – Africa Commerce: a commodities exports' perspective

Guilherme de Castro e Souza
Guilherme Gomes de Barros de Souza

Resumo

Este artigo propõe e discute a hipótese de que a variação do preço das principais commodities exportadas pelo Brasil para a África é variável relevante para explicar a variação no valor monetário das exportações totais brasileiras para o continente africano. Nas duas últimas décadas, o fortalecimento das relações diplomáticas e políticas entre Brasil e África ocorreu paralelamente ao aumento do comércio e dos investimentos brasileiros no continente. A análise das exportações brasileiras para a África entre 1997 e 2018 mostra que houve um aumento do valor monetário exportado até 2011, quando passou a diminuir, enquanto o volume das exportações aumentou até 2017. Definiram-se *proxies* para permitir a análise das variações de preço das seis principais commodities exportadas pelo Brasil para a África. Ao se comparar os preços das *proxies* com o valor e o volume das exportações do Brasil para o continente, verificou-se que o valor exportado possui comportamento semelhante aos preços, enquanto é consideravelmente diferente do volume. Concluiu-se que as variações de preço das commodities têm impacto considerável na variação do valor das exportações totais brasileiras para a África.

Palavras-chave: África; Comércio Exterior; Comércio Brasil-África; Commodities; Exportações.

Abstract

This article proposes and discusses the hypothesis that the price variation of the main commodities exported by Brazil to Africa is a relevant variable to explain the variation of the monetary value of the total Brazilian exports to the African continent. In the last two decades, the strengthening of diplomatic and political relations between Brazil and Africa occurred in parallel to the increase of trade and of Brazilian investments on the continent. The analysis of Brazilian exports to Africa between 1997 and 2018 showed that there was an increase of the monetary value exported until 2011, when it started to decrease, whilst the exported volume increased until 2017. Proxies were defined to allow the analysis of the price variations of the six main commodities exported by Brazil to Africa. By comparing the proxies' prices with the Brazilian exports' value and volume to the continent, it was verified that the exported value had a similar behavior to the prices, while considerably different to the behavior of the exported volume. The conclusion was that the variation of the commodities' prices has a considerable impact on the variation of the value of the total Brazilian exports to Africa.

Keywords: Africa; Foreign Trade; Commodities; Exports; Brazil-Africa trade.

1. Introdução

Nas últimas décadas, o Brasil passou por um processo de expansão e aprimoramento de sua política externa para a África, tornando-se o país latino-americano com mais embaixadas em países africanos e possuindo uma das maiores redes de postos diplomáticos no continente (AFRICA, 2019; PINTO, 2013). Todo esse empenho governamental também foi acompanhado do aumento das conexões econômicas e comerciais do Brasil com o continente africano, expandindo consideravelmente as transações de investimentos e de produtos (BRASIL, 2019a; VEIGA, 2013).

Não surpreende, pois, que nas últimas décadas diversas publicações tenham sido produzidas analisando as relações entre Brasil e África sobre diferentes perspectivas. Contudo, trabalhos que trazem um olhar econômico sobre essa temática são poucos, deixando uma lacuna acadêmica sobre vários pontos do comércio Brasil-África e de sua variação ao longo dos anos. Com vistas a contribuir com essa literatura e analisar elementos pouco explorados desse tema, este artigo aborda as relações comerciais entre Brasil e África com foco na variação das exportações brasileiras para o continente e a sua relação com os preços das commodities exportadas pelo Brasil.

Antes, todavia, é necessário definir o que abarca essa África que será analisada, visto que existem diferentes formas de agregar o continente e seus territórios. A definição de África aqui adotada se refere a todos os seus Estados (54 Estados, segundo a Organização das Nações Unidas [ONU]) e seus quatro territórios não-autônomos (Saara Ocidental, Santa Helena, Território Britânico do Oceano Índico e Mayotte)¹(UNITED NATIONS, 2019b).

A Seção 2 deste artigo analisa a evolução das relações diplomáticas e econômicas do Brasil com a África desde o final dos anos 1990 até 2016. Em seguida, a Seção 3 destrincha as exportações brasileiras para países africanos, compreendendo suas características e variações entre 1997 e 2018. Já a Seção 4 explora as variações de preço das principais commodities brasileiras exportadas para a África, construindo *proxies* para modelar essas mudanças entre 2004 e 2018. Por fim, a Seção 5 compara o valor monetário das exportações brasileiras para a África com os preços das principais

¹ Segundo a lista de Estados “não autogovernados” das Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2019a).

commodities exportadas para a região de forma a definir se esses preços podem explicar as mudanças observadas no valor das exportações do Brasil para o continente africano.

2. Relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e África (1995-2016)

As relações diplomáticas e econômicas entre Brasil e África foram consideravelmente aprimoradas desde o fim dos anos 1990. Ao se comparar as políticas exteriores promovidas durante os governos Fernando Henrique Cardoso [FHC] (1995-2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Vana Rousseff (2011-2016), consegue-se perceber como o foco em relação ao continente africano mudou nesse período, saindo de uma posição de pouca prioridade para um papel de destaque na política externa, seguido de posterior redução dessa importância (VILELA; NEIVA, 2011; COSTA FILHO, 2018).

O governo FHC foi marcado pelo forte envolvimento presidencial na política externa brasileira, algo sem precedentes até então. Contudo, o considerável trabalho diplomático em relação à Europa e à América do Sul não significou um esforço equivalente no relacionamento com a África (VILELA; NEIVA, 2011; COSTA FILHO, 2018). De fato, como explicitado por Costa Filho (2018), o objetivo do governo brasileiro para o continente africano foi o de atualizar as relações com a região, à luz do contexto econômico e social favorável em ambas as partes. Apesar disso, essa atualização não se traduziu em uma maior priorização da África dentro da política externa brasileira como um todo (COSTA FILHO, 2018).

Por sua vez, o governo Lula reservou uma posição de destaque para as relações entre Brasil e África na política externa brasileira. Seguindo a linha de valorização das relações Sul-Sul e diferentemente do que havia sido feito até o momento, o governo brasileiro buscou trabalhar as suas relações bilaterais com países africanos de maneira generalizada, não se restringindo somente aos seus maiores parceiros comerciais e aos países de língua portuguesa no continente (PINTO, 2013).

Posteriormente, o governo Dilma reduziu o protagonismo internacional do Brasil, o que também acabou impactando sua atuação na África. Mesmo assim,

algumas das políticas iniciadas durante o governo Lula em relação ao continente africano foram continuadas (SEABRA, 2014; COSTA FILHO, 2018). Como será exemplificado abaixo, projetos executados no seu governo - ainda que pontuais - também contribuíram para criar possibilidades de conexão comercial entre Brasil e África (VEIGA, 2013; VEIGA; RIOS, 2015; VIEITAS; ABOIM, 2013).

De uma perspectiva diplomática, uma comparação entre esses três governos mostra importantes diferenças. Enquanto que, no governo FHC, ao menos quatro embaixadas em países africanos foram fechadas (Lusaca, na Zâmbia, em 1996; Kinshasa, na República Democrática do Congo, em 1997; Lomé, no Togo, em 1998; e Iaundê, no Cameroun, em 1999) (MELLO, 2019), 19 embaixadas brasileiras foram legalmente abertas ou reativadas na África durante o governo Lula (PINTO, 2013; SEABRA, 2014). Esse processo elevou o número de embaixadas brasileiras em países africanos de 18 no fim do governo FHC para 37 na atual década (PINTO, 2013; SEABRA, 2014). É importante notar que as 3 embaixadas oficialmente abertas pelo Brasil na África durante o governo Dilma já haviam sido autorizadas durante o governo Lula, o que ressalta novamente o menor protagonismo do governo Dilma na política externa para a África (BRASIL, 2015; COSTA FILHO, 2018). O fechamento, criação e reabertura de embaixadas brasileiras na África foram resumidos no Quadro 1:

Quadro 1: Criação e fechamento de Embaixadas brasileiras na África (1996-2018)²

Embaixada	País	Ano de fechamento	Ano de criação ou reativação
São Tomé	São Tomé e Príncipe	--	2003
Adis Abeba	Etiópia	--	2004
Kinshasa	República Democrática do Congo	1997	2004
Cartum	Sudão	--	2005
Cotonou	Benin	--	2005
Dar Es Salam	Tanzânia	--	2005
Iaundê	Cameroun	1999	2005

² As embaixadas foram criadas ou reativadas por decreto presidencial (BRASIL, 2015; BRASIL, 2019b).

Lomé	Togo	1998	2005
Malabo	Guiné Equatorial	--	2005
Conacri	Guiné	--	2006
Gaborone	Botsuana	--	2006
Lusaca	Zâmbia	1996	2006
Bamako	Mali	--	2007
Brazzaville	República do Congo	--	2007
Nouakchott	Mauritânia	--	2007
Uagadugu	Burkina Faso	--	2007
Freetown	Serra Leoa	--	2010
Lilongue	Malawi	--	2010
Monróvia	Libéria	--	2010

Fonte: BRASIL, 2015; BRASIL, 2019b, MELLO, 2019. Elaboração própria.

De uma perspectiva econômica, a aproximação do Brasil ao continente africano seguiu potencialidades que resultaram no surgimento de novas “oportunidades comerciais e econômicas” (SEABRA, 2014, p. 79) (números e características desse comércio serão analisados detalhadamente na Seção 3). Observa-se que o financiamento público das exportações para a África por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social [BNDES] foi a maior política comercial aplicada nesse sentido (VEIGA, 2013), sendo a “principal instituição para o suporte financeiro ao Investimento Direto Externo (IDE) e às exportações de bens e serviços brasileiros” (VIEITAS; ABOIM, 2013). Iniciativas como a criação de linhas de crédito para investimento em países africanos e a inclusão de alguns deles no BNDES Exim (2007) e depois no BNDES Exim Automático (2013)³ facilitaram a obtenção de capital para investimentos brasileiros na região (VEIGA, 2013; VEIGA; RIOS, 2015; VIEITAS; ABOIM, 2013).

Essa maior facilidade de financiamento para investimentos na África contribuiu com o processo de considerável internacionalização de grandes empresas brasileiras. Como efeito, no início da década de 2010, 25 grandes companhias brasileiras estavam

³ O BNDES Exim é um conjunto de linhas de “financiamento à produção e exportação de bens e serviços brasileiros” (BNDES, 2019a, p. 1) que são intermediadas por agentes financeiros e bancos mandatários no Brasil. Já o BNDES Exim Automático é uma subcategoria que é realizada “por intermédio de agentes financeiros no exterior” (BNDES, 2019b, p. 1), sendo eles bancos estrangeiros que são credenciados pelo BNDES para analisar e conceder crédito ao importador de produtos brasileiros no exterior (BNDES, 2019a; BNDES, 2019b).

presentes em 30 países africanos. Observa-se que os investimentos na África ocorreram de forma não coordenada e capitaneados por iniciativas privadas, ainda que esses contassem com o apoio do governo federal e do BNDES (VIEITAS; ABOIM, 2013).

Empresas como Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht, Queiroz Galvão, Petrobras e Vale perceberam o grande potencial de expansão de suas operações no continente africano e passaram a fazer consideráveis investimentos, em alguns casos reafirmando a posição que já tinham como grandes investidoras nesses territórios. Em especial na África Subsaariana, amplos projetos de exploração de petróleo, mineração, construção civil e agrícolas foram executados por empresas brasileiras (SEABRA, 2014; VIEITAS; ABOIM, 2013).

Para dar suporte aos amplos investimentos brasileiros na África, a Apex-Brasil instalou em 2010 o seu primeiro Centro de Negócios no continente africano, em Luanda, capital da Angola. Por sua vez, o BNDES inaugurou no final de 2013 o seu escritório em Joanesburgo, na África do Sul, que objetivava facilitar a obtenção de informações sobre formas de financiamento de empresas brasileiras e dar apoio à internacionalização dessas empresas na África (VEIGA; RIOS, 2015). Todavia, ambos os escritórios foram fechados em anos posteriores. O escritório do BNDES foi fechado durante revisão da estrutura organizacional do banco realizada no governo Michel Temer (2016-2018) (CAVALCANTI, 2016), enquanto a representação da Apex-Brasil foi fechada “em razão do baixo desempenho e resultados” (DIRETORIA, 2019, p.1) no início de 2019, como afirmado pela Diretoria de Gestão Corporativa da agência (DIRETORIA, 2019).

Além disso, foram assinados Acordos de Cooperação e Facilitação de Investimentos (ACFIs) com Angola, Etiópia, Malauí e Moçambique de forma a garantir a proteção do investimento de empresas brasileiras nesses países (BRASIL, 2018). Também houve a assinatura de acordos do MERCOSUL com a União Aduaneira da África Austral (SACU) e com o Egito (VEIGA; RIOS, 2015).

Contudo, a definição de uma estratégia econômica governamental brasileira para o continente africano ficou basicamente restrita a esforços pontuais promovidos por entidades como BNDES, SECEX (Secretaria de Comércio Exterior) e Apex-Brasil (VEIGA; RIOS, 2015), em coordenação com o Ministério das Relações Exteriores.

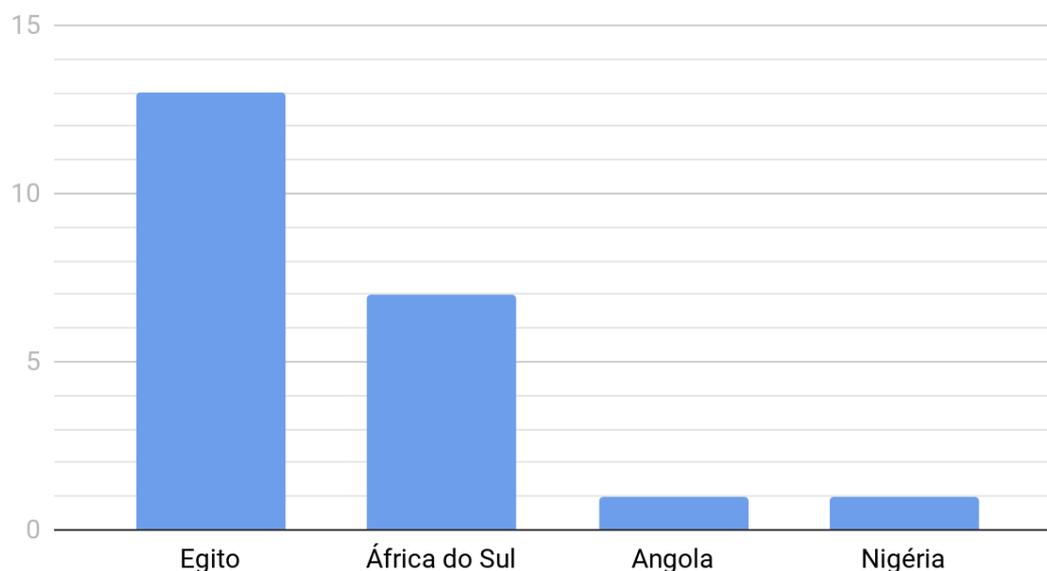
Dessa forma, “não está claro até que ponto as iniciativas políticas do Brasil direcionadas à África impactaram o intercâmbio bilateral nos últimos anos” (VEIGA, 2013, p. 5).

3. Exportações do Brasil para a África (1997-2018)

Nesta seção do artigo serão abordadas as exportações brasileiras para a África entre 1997 e 2018, período dos dados agregados pelo então Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), atualmente no Ministério da Economia, na base de dados Comex Stat (BRASIL, 2019a). Com base nos dados disponíveis na Comex Stat, constatou-se que os produtos exportados para o continente são destinados em grande parte a um pequeno número de países e que estes produtos são pouco diversificados, com sua grande maioria sendo commodities de origem agropecuária (VEIGA, 2013).

A exportação brasileira para o continente africano é regionalmente concentrada (VEIGA, 2013); isto é, uma pequena parcela de países e regiões recebem grande parte do volume e valor dos produtos exportados⁴. Concernente ao valor pago sobre os produtos brasileiros, o Egito é o maior mercado importador na África, sendo o principal destino dos produtos brasileiros em 13 dos 22 anos entre 1997 e 2018, sendo destino de 20% de toda a exportação brasileira para a África no período. Após o Egito, estão África do Sul, Nigéria e Angola com respectivamente 17%, 12% e 10% das exportações totais para o continente desde 1997. Juntos, os quatro países representam 60% do valor exportado à África no período (BRASIL, 2019a).

⁴ No artigo faremos muitas menções ao valor monetário das mercadorias exportadas, os valores FOB do Ministério da Economia, que nos referimos como apenas “valor”, bem como ao quilograma líquido exportado, que se refere ao peso dos produtos exportados, ao qual nos referimos como “volume”.

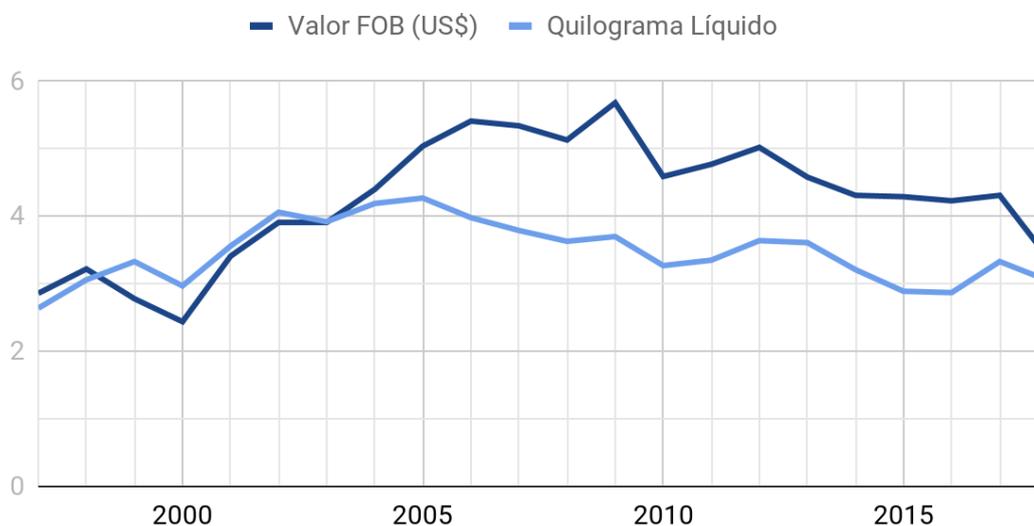
Gráfico 1**Maiores importadores de produtos brasileiros por ano (1997-2018)**

Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

O Gráfico 1 corrobora a concentração exemplificada anteriormente. Neste estão representados os maiores importadores de produtos brasileiros - em relação ao valor - pelo número de anos entre 1997 e 2018 (BRASIL, 2019a).

Já em relação ao volume (quilograma líquido) exportado, o Egito é o principal importador do Brasil na região, recebendo mais de 30% do volume dos produtos brasileiros para o continente africano de 1997 a 2018. Ele é seguido por Nigéria, com 13%, Argélia, com 10%, e Marrocos, com 8% (BRASIL, 2019a).

Além de concentradas, as exportações para a África não apresentaram um crescimento significativo quando comparadas com o valor total exportado pelo Brasil de 1997 a 2018 (BRASIL, 2019a). Isso se dá, por exemplo, quando apenas 5% do valor exportado durante estes 22 anos destinaram-se para o continente africano e somente 1% para o Egito. Já quando nos voltamos para o volume exportado, 11% dessas exportações foram destinadas para a África e 3% para o Egito. É possível notar, portanto, desde 1997, uma variação de pouca amplitude da participação da África nas exportações brasileiras.

Gráfico 2⁵**Participação da África nas exportações totais brasileiras (1997-2018) (%)**

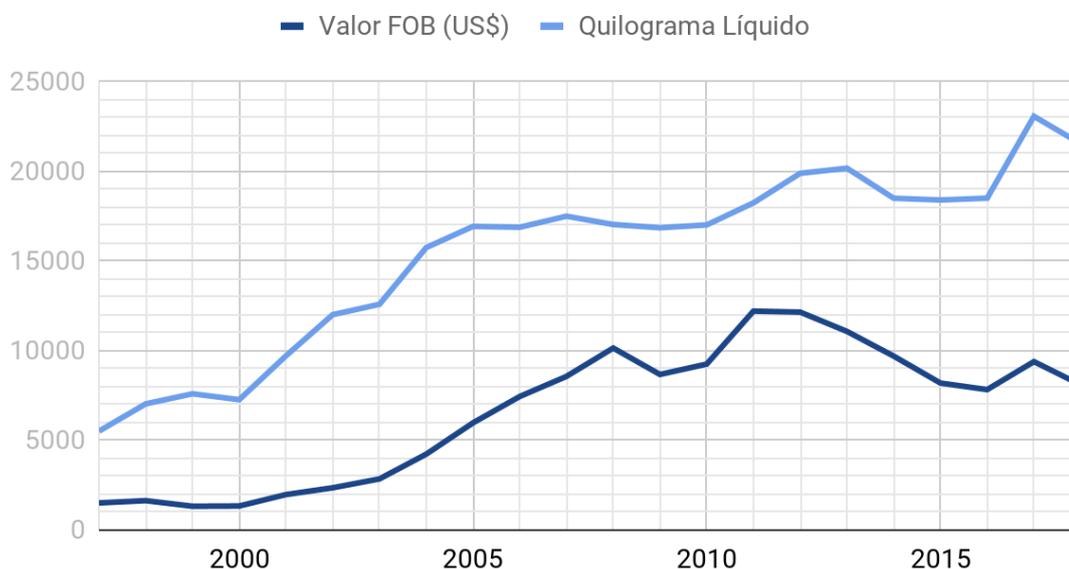
Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

O Gráfico 2 exibe a participação percentual das exportações brasileiras para a África em relação ao total exportado pelo Brasil no período. Observa-se que o ápice percentual do volume exportado foi em 2005, com 4,27%, enquanto o ápice percentual do valor exportado foi em 2009, atingindo 5,68%.

⁵ FOB corresponde à sigla, em inglês, da expressão *Free on Board* (livre à bordo) que por sua vez faz parte dos *International Commercial Terms* (Termos Comerciais Internacionais), e significa que o exportador é responsável pela mercadoria até que ela esteja a bordo, para partida. Assim, todos os encargos até esta etapa da exportação estão a cargo do exportador (IPEA, 2006).

Gráfico 3

Exportações brasileiras para a África (1997-2018) (US\$ Milhões)



Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

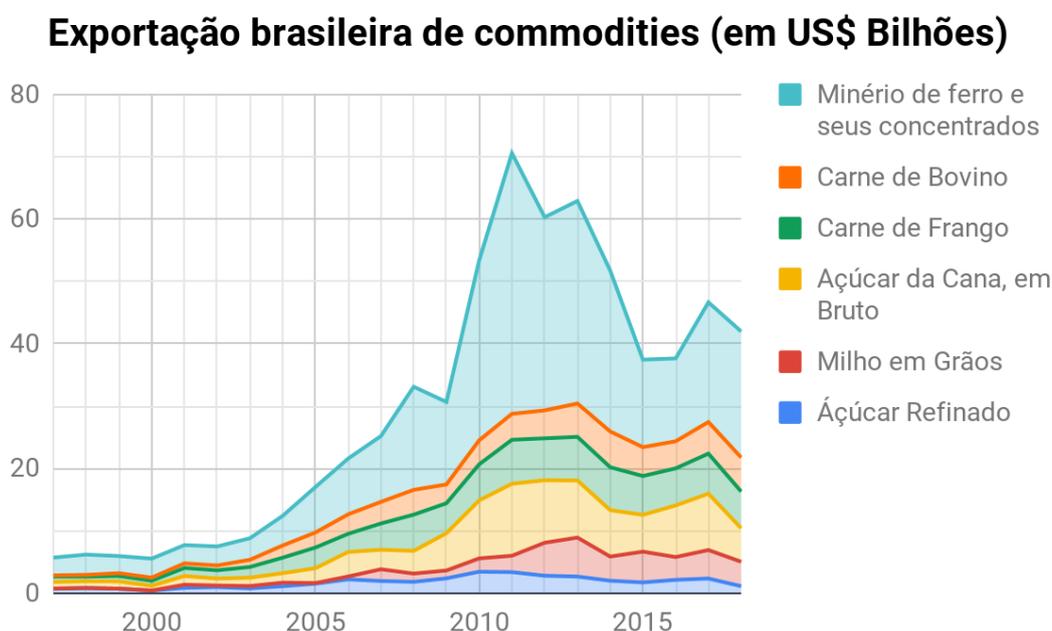
Por sua vez, como percebe-se pelo Gráfico 3, o total do volume exportado difere do total do valor exportado. Enquanto as exportações por quilograma líquido atingiam seu ápice em 2017, com 23 bilhões de quilos exportados pelo Brasil, o valor era de apenas US\$ 9,3 bilhões, equivalente a 4,31% das exportações totais do país. Ao passo que, em 2011, os 18 bilhões de quilos exportados à África equivaleram ao valor de 12,2 bilhões de dólares. Assim, nota-se que, além de concentrada, há uma diferença considerável entre o valor e o volume exportado para o continente (BRASIL, 2019a). É interessante notar essa diferença numérica - a priori - entre os dados, já que o valor das exportações caiu, mas o seu volume não.

Os Gráficos 2 e 3 permitem chegar a conclusões diferentes sobre a importância das exportações brasileiras para a África no período analisado. Note que o ápice percentual do valor das exportações (2009) difere do ápice no total do valor exportado (2011), enquanto o ápice percentual do volume das exportações (2005) difere do ápice no total do volume exportado (2017). Dependendo de como os dados das exportações brasileiras para a África são considerados - em valores absolutos ou percentuais - chega-se a resultados distintos.

As exportações brasileiras para a África são também pouco diversificadas, sendo concentradas em produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados de origem agropecuária (VEIGA, 2013). Entre os primeiros, se enquadram o milho em grãos, o farelo e resíduos do óleo de soja, o trigo em grãos, o amendoim em grãos, a carne de bovina congelada, o café cru em grãos, o algodão e outros produtos. Além destes, dentre os produtos semimanufaturados estão o açúcar de cana bruto, o óleo de soja bruto e outros. E entre os manufaturados está o açúcar refinado, por exemplo (BRASIL, 2019).

Dentre os maiores importadores dos produtos brasileiros listados anteriormente (Egito, África do Sul, Angola e Nigéria), a exportação de açúcar bruto em 2017 correspondeu, por exemplo, a respectivamente 21%, 8,6%, 29% e consideráveis 73% das exportações brasileiras para estes países (THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2019).

Gráfico 4



Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

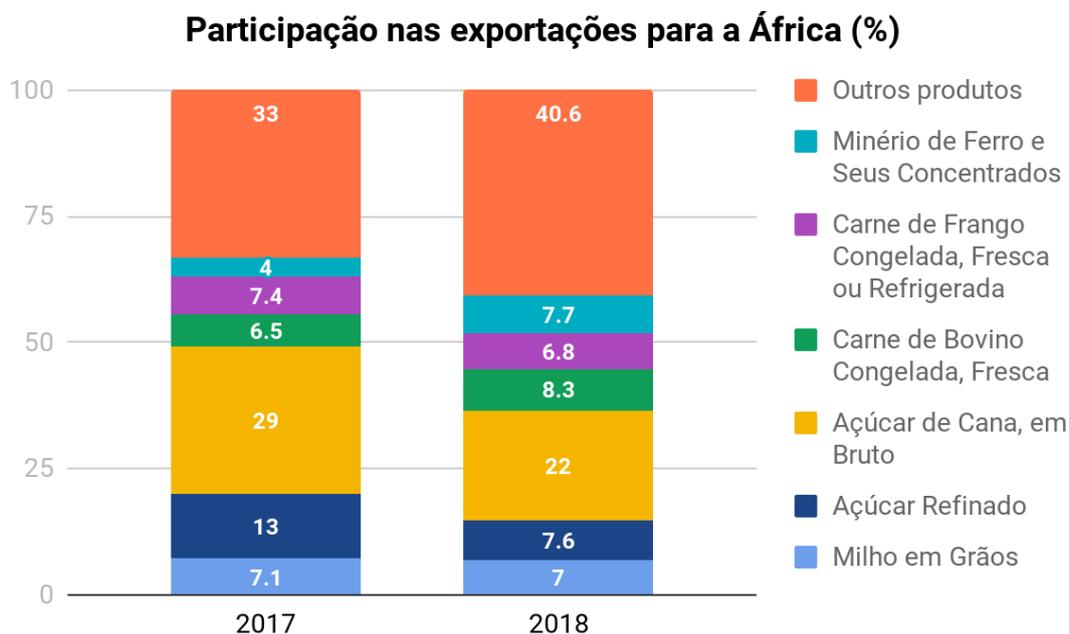
O Gráfico 4 acima mostra as principais commodities comercializadas para o continente africano por uma perspectiva total, isto é, exibe a variação total das

exportações brasileiras destes produtos, a fim de demonstrar as suas variações no comércio nacional. Percebe-se que ao longo do período estudado houve crescimento das exportações totais dessas commodities brasileiras.

4. Variação do preço das commodities (2004-2018)

Como observado no Gráfico 3 da seção anterior, a redução do valor monetário das exportações do Brasil para países africanos a partir de 2011 não foi acompanhada pela redução do volume (quilograma líquido) dessas exportações. Dessa forma, é razoável supor que uma alteração no preço das commodities depois de 2011 possa ser, em boa medida, responsável pela queda dos valores observados. Uma dificuldade para analisar essa hipótese é definir quais preços de quais produtos considerar. Os dados dos principais produtos exportados para os anos de 2017 e 2018 serão mostrados no gráfico abaixo:

Gráfico 5



Fonte: Comex Vis (BRASIL, 2019c). Elaboração própria.

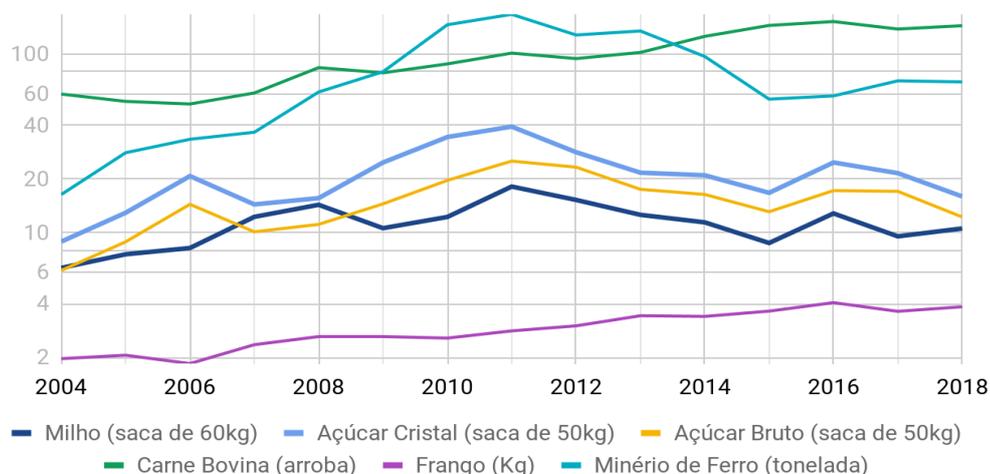
O Gráfico 5 mostra a participação das principais commodities exportadas para a África (como agregados pelo Ministério da Economia) em relação ao total do valor FOB exportado, destacando todas aquelas que, em 2017 e 2018, representaram mais do que 3% das exportações brasileiras para a África. Essas commodities, agregadas,

compuseram 67% dessas exportações em 2017 e 59,4% em 2018 (BRASIL, 2019c). O foco da análise aqui feita será nas commodities destacadas nesse gráfico, visto que o impacto marginal dos outros produtos exportados, pode-se supor, é consideravelmente baixo.

Como não existem medições de preços óbvias para essas commodities, ao menos não como agregadas pelo Ministério da Economia, foi necessário definir *proxies*⁶ para modelar a variação de seus preços. Utilizamos séries históricas de preços que pudessem se aproximar do comportamento observado dos preços das commodities de forma a obter uma estimativa da variação ocorrida. Por causa dessa limitação e ao contrário das seções anteriores, o período de análise será entre 2004 e 2018, anos nos quais os preços de todas as *proxies* utilizadas estão disponíveis (CEPEA, 2019; INTERNATIONAL MONETARY FUND [IMF], 2019).

Gráfico 67

Preços das proxies (valores nominais em US\$, logaritmizados)



Fonte: CEPEA, 2019; IMF, 2019. Elaboração própria.

⁶ *Proxy* é uma “variável que é utilizada no lugar da variável de interesse quando essa variável de interesse não pode ser medida diretamente” (OXFORD REFERENCE, 2019, p.1, tradução nossa).

⁷ Os dados sobre Minério de Ferro foram obtidos do Fundo Monetário Internacional (IMF, 2019), enquanto os outros dados foram retirados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (CEPEA, 2019). Os indicadores utilizados para cada *proxy* foram: Milho - Indicador do Milho ESALQ/B3; Açúcar Cristal - Indicador do Açúcar cristal CEPEA/ESALQ - SÃO PAULO; Açúcar Bruto - Indicador Mensal do Açúcar VHP CEPEA/ESALQ São Paulo - Mercado Externo; Carne Bovina - Indicador do Boi Gordo ESALQ/B3; Frango - Preços do Frango Resfriado CEPEA/ESALQ - ESTADO SP; e Minério de Ferro - *Iron Ore* (CEPEA, 2019; IMF, 2019).

O Gráfico 6 exibe as variações de preço das *proxies* selecionadas entre os anos de 2004 e 2018. As *proxies* selecionadas para cada commodity – como definido no Gráfico 5 – foram as seguintes: ‘Milho’ para ‘Milho em Grãos’; ‘Açúcar Cristal’ para ‘Açúcar Refinado’; ‘Açúcar Bruto’ para ‘Açúcar de Cana, em Bruto’; ‘Carne Bovina’ para ‘Carne de Bovino’; ‘Frango’ para ‘Carne de Frango’; e ‘Minério de Ferro’ para ‘Minério de Ferro e Seus Concentrados’. Os valores foram logaritmizados para permitir uma melhor comparação entre o comportamento dessas variáveis, já que o objetivo é analisar como os preços se comportaram ao longo do período e não necessariamente as suas grandezas.

Os anos de preço mínimo e máximo para cada uma das *proxies* foram, respectivamente: Milho - 6,36 (2004) e 18,17 (2011); Açúcar Cristal - 8,93 (2004) e 39,39 (2011); Açúcar Bruto - 6,15 (2004) e 25,24 (2011); Carne Bovina - 52,75 (2006) e 152,9 (2016); Frango - 1,85 (2006) e 3,85 (2018); e Minério de Ferro - 16,39 (2004) e 167,79 (2011) (CEPEA, 2019; IMF, 2019).

Observa-se que para todas as *proxies* houve um período de aumento dos preços começando entre 2004 e 2006. Para a Carne Bovina e o Frango, esse aumento foi sendo quase contínuo até atingirem os seus ápices, respectivamente, em 2016 e 2018. Já as outras *proxies* - Milho, Açúcar Cristal, Açúcar Bruto e Minério de Ferro - atingiram seus valores máximos em 2011. Elas sofreram uma redução de valor considerável até 2015 (ainda que exibindo valores maiores do que no início da série histórica), quando a queda dos preços em relação a 2011 foi de 48,26% (Milho), 42,56% (Açúcar Cristal), 52,02% (Açúcar Bruto) e 33,46% (Minério de Ferro) (CEPEA, 2019; IMF, 2019).

Esses dados condizem com análises feitas sobre o chamado ‘boom das commodities’ ocorrido durante o início do século XXI. O período desse boom não é perfeitamente claro, mas dados do FMI mostram que houve um aumento nos preços das commodities de forma geral a partir de 2004, atingindo um pico em 2011 e seguinte redução entre 2012 e 2016 (RUGITSKY, 2017).

Consideraremos agora as *proxies* Milho, Açúcar Cristal, Açúcar Bruto e Minério de Ferro, que tiveram redução do seu valor a partir de 2011. Elas buscam modelar o comportamento de produtos exportados para a África que juntos - como mostrado no Gráfico 5 - corresponderam a 53,1% (2017) e 44,3% (2018) do valor total de exportações para países africanos. Já os produtos modelados pelas *proxies* Carne

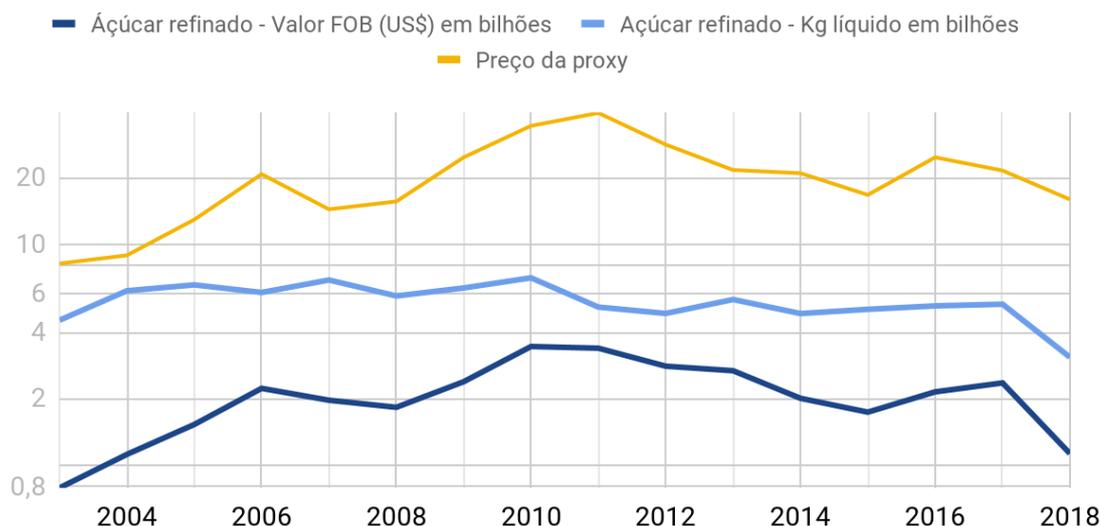
Bovina e o Frango - que continuaram a crescer depois de 2011 - representaram 13,9% (2017) e 15,1% (2018) do valor das exportações para a África (BRASIL, 2019c; CEPEA, 2019; IMF, 2019). Nesses dois casos, como já definido anteriormente, é possível esperar que os preços das commodities tenham variado de maneira semelhante às *proxies* utilizadas para cada uma delas. Dessa forma, é razoável considerar que a influência das variações dos preços das commodities Milho em Grãos, Açúcar Refinado, Açúcar de Cana, em Bruto, e Minério de Ferro e Seus Concentrados seja proporcionalmente maior que a influência causada pelas variações de preço da Carne de Bovino e Carne de Frango no valor das exportações.

5. Comparação entre *proxies* e exportação

Buscar-se-á verificar, abaixo, se os preços das commodities exportadas pelo Brasil para a África podem explicar a variação no valor monetário dessas exportações.

Gráfico 7

Exportação total do açúcar refinado: comparação das variáveis (valores logaritmizados)



Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

O Gráfico 7 demonstra a variação dos valores (em bilhões de dólares), volumes (em bilhões de quilogramas) e preços (em dólares) do açúcar refinado de 2003 a 2018

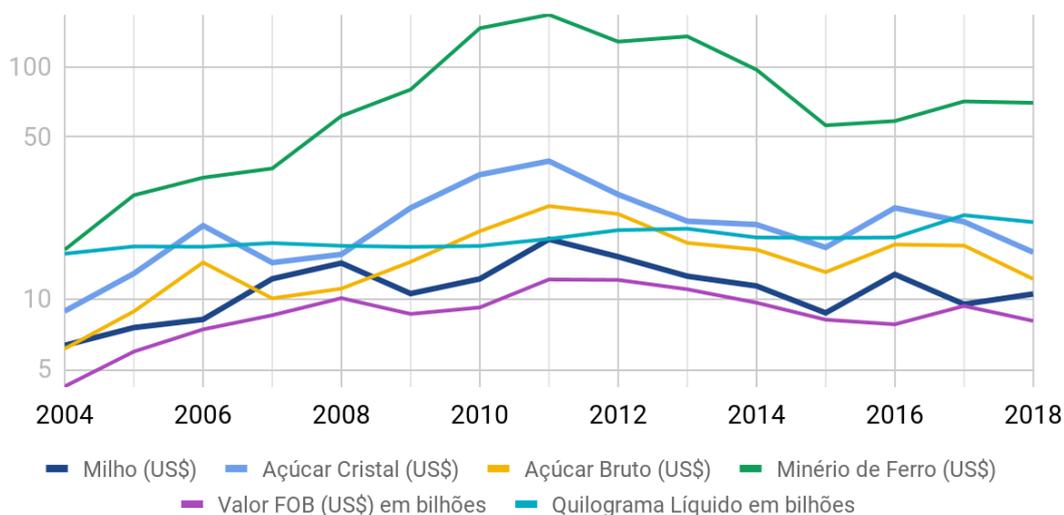
(BRASIL, 2019a; CEPEA, 2019). Os valores foram logaritmizados para facilitar a comparação entre os dados. A escolha desta commodity se dá em razão de: (i) ser uma das principais commodities brasileiras exportadas para o continente africano; e (ii) apresentar uma variação facilmente perceptível de valores ao longo do tempo, o que facilita a análise.

Atentando-se apenas à variação e não aos valores numéricos, é possível perceber uma alta em 2006 tanto do valor quanto do preço do açúcar, enquanto o volume apresenta uma leve queda. Essas altas no valor exportado e no preço da commodity vistas no Gráfico 7 são seguidas por uma leve queda até 2008, quando o valor, preço e volume retomam a subir até 2010, atingindo o ápice do preço da commodity em 2011. Já o volume, de 2010 a 2017, denota uma lateralização, sem muitas variações cadentes que influenciem no comércio do referido produto. Já o valor exportado e o preço da commodity caminham juntos durante todo o tempo, desde sua alta em 2006, baixa em 2015, leve alta no preço e valor em 2017 e a seguinte baixa em 2018.

É possível expandir esse exercício de correlação na comparação das variações dos preços das demais commodities e no conjunto das exportações brasileiras para o continente africano, como verificado no Gráfico 8, abaixo.

Gráfico 8

Comparação entre proxies e a exportação para a África (valores logaritmizados)



Fonte: Comex Stat (BRASIL, 2019a). Elaboração própria.

No Gráfico 8, estão relacionadas as *proxies*, escolhidas por apresentarem os preços das commodities percentualmente significativas das exportações brasileiras para a África (como visto na Seção 4), o valor FOB total exportado (em bilhões de dólares) e o volume total exportado (em bilhões de quilogramas) de 2003 a 2018, todos logaritmizados para facilitar a comparação entre os dados (BRASIL, 2019a; CEPEA, 2019; IMF 2019). Na representação, a variação das *proxies* caminha lado a lado com o valor FOB exportado, verificado na alta de 2006, na queda em 2007 e na retomada do crescimento até 2011, quando ocorre o ápice tanto do preço das commodities quanto do valor FOB exportado para o continente africano. O que não é corroborado, contudo, pela variação do quilograma líquido exportado, que de forma geral se eleva até atingir o seu ápice em 2017.

Desse modo, verifica-se uma provável correlação entre a média do preço de quatro das *proxies* - Milho, Açúcar Cristal, Açúcar Bruto e Minério de Ferro - e o valor total das exportações brasileiras para a África. Aqui é necessário recordar - como visto na Seção 4 - que as commodities modeladas por essas *proxies* - Milho em Grãos, Açúcar Refinado, Açúcar de Cana, em Bruto, e Minério de Ferro e Seus Concentrados - representam uma parte considerável do total das exportações do Brasil para a África. Assim, é razoável supor que a variação do preço dessas commodities explica, ao menos parcialmente, a variação no valor monetário das exportações brasileiras para o continente africano. É claro que não são apenas os preços das commodities que determinaram o valor monetário do comércio entre as partes analisadas, mas uma parte considerável dessa influência parece vir dessa variação.

6. Conclusão

A política externa brasileira para a África progrediu nos últimos 20 anos. Principalmente durante o governo Lula, práticas como a abertura de diversas embaixadas do Brasil no continente criaram conexões institucionais mais profundas entre os dois lados do Atlântico. Paralelamente, as relações econômico-comerciais do Brasil com os países africanos alcançaram novos patamares de complexidade. Iniciativas como o aumento da oferta de crédito do BNDES para o financiamento de

projetos brasileiros na região permitiram que grandes empresas brasileiras se internacionalizassem e expandissem seus investimentos no continente.

Esse fortalecimento das relações econômicas foi refletido no aumento das exportações brasileiras para a África. Desde 1999 até o seu ápice em 2011, as exportações do Brasil aumentaram seu valor em 917%, ainda que registrando queda considerável até 2015. Por sua vez, o volume (quilograma líquido) dessas exportações não teve uma redução equivalente, atingindo no seu pico de 2017 um crescimento de 418% em relação a 1997. Mesmo com esse considerável aumento, os produtos exportados continuaram a ser em sua maioria comprados por um grupo concentrado de países africanos.

Na maioria das *proxies* utilizadas para modelar o comportamento dessas commodities - Milho, Açúcar Cristal, Açúcar Bruto e Minério de Ferro - foi observado um aumento dos preços a partir de 2004, com pico em 2011. A posterior queda dos preços dessas *proxies*, observado em 2015, é compatível com o período do fim do boom das commodities entre 2012 e 2016. Como as commodities modeladas por essas quatro *proxies* - Milho em Grãos, Açúcar Refinado, Açúcar de Cana, em Bruto, e Minério de Ferro e Seus Concentrados - equivalem a uma porção substantiva das exportações brasileiras para a África, inferiu-se que as variações de preço dessas commodities tenham grande impacto no valor total das exportações para países africanos.

Dessa forma, ao se comparar os preços de quatro *proxies* - Milho, Açúcar Cristal, Açúcar Bruto e Minério de Ferro - com o valor e o volume total das exportações do Brasil para a África, percebe-se que há um comportamento similar entre a média das *proxies* e o valor das exportações ao longo do período observado. Por mais que não seja uma correlação exata, havendo alguns anos onde o comportamento das *proxies* é consideravelmente diferente do valor das exportações, as tendências ao médio prazo são similares. Como o volume (quilograma líquido) das exportações possui um comportamento substancialmente díspar do seu valor, não é possível atribuir a variação do valor exportado à variação do seu volume. Assim, argumenta-se que a variação nos preços das commodities é variável-chave para explicar a variação do valor das exportações brasileiras para a África e a diferença desta para a variação observada no volume exportado.

Dito isso, é importante estabelecer ressalvas sobre o resultado obtido. Como os dados sobre o volume (quilograma líquido) das commodities comercializadas com a África são de 2017 e 2018, não é possível determinar qual foi a variação percentual dessas commodities no volume total exportado ao longo da série histórica. Também não é possível determinar como o aumento do volume das commodities explica o aumento do volume total das exportações.

É possível, ainda, que outras variáveis que não foram controladas nesse artigo (como o valor do Dólar americano em relação ao Real, o preço agregado das commodities não consideradas e a variação do PIB dos países africanos) possam influenciar na variação do valor das exportações brasileiras para a África. Dessa forma, somente um estudo detalhado com utilização de instrumentos econométricos que considerasse diversos fatores seria possível construir resultados mais abrangentes para embasar essa análise.

Por fim, faltam artigos acadêmicos que analisam as relações comerciais entre Brasil e África, principalmente aqueles que consideram dados quantitativos em séries históricas e que definem causas para as variações observadas. Por isso, essa análise precisou ser baseada em grande parte em dados brutos obtidos de bases de dados. Mais produções acadêmicas nessa área são necessárias para entender com profundidade como se caracterizou e evoluiu o comércio Brasil-África.

Referências

- AFRICA is attracting even more interest from powers elsewhere - A sub-Saharan seduction.** *The Economist*, 2019. Disponível em: <<https://www.economist.com/briefing/2019/03/07/africa-is-attracting-ever-more-interest-from-powers-elsewhere>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- BRASIL. Controladoria-Geral da União. Acesso à Informação. **Informações a respeito da abertura de Embaixadas brasileiras na África - Pedido 092000008.** Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Item/display.aspx?List=0c839f31%2D47d7%2D4485%2Dab65%2Dabocee9cf8fe&ID=442762&Web=88cc5f44%2D8cfe%2D4964%2D8ff4%2D376b5ebb3bef>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Economia. Comex Stat. **Exportação e Importação Geral.** Brasília, 2019a. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **República Democrática do Congo.** Brasília, 2019b. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4956&Itemid=478&cod_pais=COD&tipo=ficha_pais>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Economia. **Comex Vis: Continentes e Blocos.** Brasília, 2019c. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior/comex-vis/frame-bloco?bloco=africa>>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- BRASIL. Senado Federal. **Senado aprova acordo que facilita investimentos entre Brasil e Malawi.** Senado Notícias. Brasília, 10 mai. 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/10/senado-aprova-acordo-que-facilita-investimentos-entre-brasil-e-malawi>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- BRASIL. Ministério da Economia. **Secretaria-executiva da Camex apresenta as entregas de 2018 relacionadas ao tema investimento.** Brasília, 21 dez. 2018. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/component/content/article/61-noticias/3766-secretaria-executiva-da-camex-apresenta-as-entregas-de-2018-relacionadas-ao-tema-investimento>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- BNDES. *BNDES Exim.* 2019a. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/BNDES-Exim!/ut/p/z0/04_Sj9CPykssyoxPLMnMzovMAfIjo8zivSx8nDosTQx83I2CzQwcAwINjT2CQoosQk31vbgUwIALTuhH4dcRAduBVO6n9CONinydfdfP1ow0SSzJoM_PS8vUjnPxcXIN1XSsyc_ULsqMiAf2-nXw!/>. Acesso em: 07 ago. 2019.

- BNDES. **BNDES Exim Automático.** 2019b. Disponível em: <<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/financiamento/produto/exim-pos-emb-automatico>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- CAVALCANTI, G. **BNDES fecha três escritórios no exterior.** O Globo. Rio de Janeiro, 03 nov. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/bndes-fecha-tres-escritorios-no-exterior-20406903>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- CEPEA. **Preços agropecuários.** Consultas ao banco de dados do site. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/consultas-ao-banco-de-dados-do-site.aspx>>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- COSTA FILHO. **Ideological Repertoires of the Brazilian Foreign Policy toward Africa across three presidential administrations (1995-2016): from realism to south-south solidarity, and back.** Caderno de Política Exterior, vol. 4, nº 7, 79-121. 2018.
- DIRETORIA. **Diretoria de Gestão da Apex-Brasil divulga balanço de 100 dias de governo.** AGROemDIA. Brasília, 17 abr. 2019. Disponível em: <<https://agroemdia.com.br/2019/04/17/diretoria-de-gestao-da-apex-brasil-divulga-balanco-de-100-dias-de-governo/>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- GOMES, Marcos Faria. **Formação de Preço de Commodities no Brasil.** EAESP-FGV (Escola de Administração e Economia de São Paulo - Fundação Getúlio Vargas), São Paulo, 2002. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/1800/1200200458.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 ago. 2019
- INTERNATIONAL MONETARY FUND [IMF]. IMF Data. **Primary Commodity Price System.** Disponível em: <<https://data.imf.org/?sk=471DDDF8-D8A7-499A-81BA-5B332C01F8B9&sId=1390030341854>>. Acesso em: 30 jul. 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Revista de informações e debates do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada.** Edição 27, Ano 3, 05/10/2006. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2115:catid=28&Itemid=23. Acesso em: 04 ago. 2019.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA E APLICADA. **Ponte sobre o Atlântico. Brasil e África Subsaariana: parceria Sul-Sul para o crescimento.** Brasília. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3094/1/Livro_Ponte%20sobre%20o%20Atl%C3%A2ntico%20Brasil%20e%20%C3%81frica%20Subsaariana_a_parceria%20Sul-Sul%20para%20o%20crescimento.pdf>. Acesso em: 04 de ago. 2019.
- MELLO, F. F. Ministério das Relações Exteriores. Departamento de África. **Abertura de Embaixadas Brasileiras na África** [consulta de dados]. Mensagem recebida por <guidebarros26@gmail.com> em 29 jun. 2019.
- OXFORD REFERENCE. **Overview. Proxy variable.** Disponível em: <<https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100351624>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

- PINTO, P. C. A. **Brasil-África: relações privilegiadas.** Revista Brasileira de Comércio Exterior. Nº 116, 56-63. 2013.
- RUGITSKY, F. **The rise and fall of the Brazilian economy (2004-2015): the economic antimiracle.** Working Papers Series, nº 2017-29, 1-44. Universidade de São Paulo (FEA-USP). 2017. Disponível em: <http://www.repec.eae.fea.usp.br/documentos/FernandoRugitsky_29WP.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- SEABRA, P. **A harder edge: reframing Brazil's power relation with Africa.** Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 57, nº 1, 77-97. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400105>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- THE OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **What does Brazil export to Egypt/Angola/Nigeria/South Africa?** (2017). Collective Learning, 2019. Disponível em: <https://oec.world/en/>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- UNITED NATIONS. The United Nations and Decolonization. **List of Non-Self-Governing Territories**, 11 mar. 2019. 2019a. Disponível em: <<https://www.un.org/en/decolonization/nonselvgovterritories.shtml>>. Acesso em: 04 ago. 2019.
- UNITED NATIONS. Department of the General Assembly and Conference Management. **United Nations Regional Groups of Member States.** 2019b. Disponível em: <<https://www.un.org/depts/DGACM/RegionalGroups.shtml>>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- VEIGA, P. M. **A África na agenda econômica do Brasil: comércio, investimentos e cooperação.** Revista Brasileira de Comércio Exterior. Nº 116, 4-19. 2013.
- VEIGA, P. M.; RIOS, S. P. **As políticas brasileiras para a África na esfera econômica: principais características e percepções dos agentes públicos e privados.** Centro de Estudos de Integração e Desenvolvimento. Textos CINDES 42, jul. 2015. Disponível em: <http://www.cindesbrasil.org/site/index.php?option=com_jdownloads&view=viewcategory&catid=7>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- VIEITAS, D; ABOIM, I. **África: oportunidades para empresas brasileiras.** Revista Brasileira de Comércio Exterior. Nº 116, 20-33. 2013.
- VILELA, E.; NEIVA, P. **Temas e regiões nas políticas externas de Lula e Fernando Henrique: comparação do discurso dos dois presidentes.** Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 54, nº 2, 70-96. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292011000200004>>. Acesso em: 01 ago. 2019.